
SENTIR NA PELE E REFLETIR: UMA EXPERIÊNCIA PARA CONSCIENTIZAR QUANTO À DEFICIÊNCIA VISUAL

Estudantes:

Pietra Terra Nova Paula Silva

Robson Araújo de Souza

Guilherme Borges Teixeira

Orientadores:

Bruno de Sousa Lopes

Nayane Alves da Silva

Escola:

Escola Estadual Maria da Conceição Barbosa de Souza

Resumo

O objetivo deste estudo foi avaliar, a partir de questionários, se a sensibilidade dos estudantes quanto aos deficientes visuais mudaria após uma experiência na qual eles deveriam fazer um percurso com os olhos vendados. Os resultados mostraram que após a experiência um maior número de estudantes afirmou que: (a) o deficiente visual precisa de ajuda, e (b) gostaria de ser ajudado caso fosse deficiente visual. Esses resultados sugerem que a experiência foi efetiva em sensibilizar os estudantes, reforçando que sentir na pele pode ajudar na conscientização.

Palavras-chave: atitude, direitos iguais, ir e vir.

Introdução e justificativa

No Brasil há, pelo menos, 8,8 milhões de pessoas com deficiência visual, segundo dados do censo demográfico de 2010 (IBGE, 2018). Teoricamente, essas pessoas deveriam possuir os mesmos direitos que qualquer outra, entretanto, não é isso que se vê. Por exemplo, em várias cidades brasileiras, como Porto Alegre, os deficientes visuais vivem na informalidade de trabalho (BRUMER *et al.* 2004) e, além disso, em muitas outras sequer há condições adequadas de mobilidade, incluindo pisos táteis para que eles possam usufruir de seu direito de ir e vir.

Uberlândia é uma cidade exemplo de acessibilidade, pois ela possui rampas de acesso em praticamente todas as esquinas, pisos táteis, ônibus com elevadores, entre outras (G1, 2018). Contudo, apenas infraestrutura não é o suficiente, pois isso não garante igualdade, fazendo com que os deficientes visuais não se sintam incluídos. Seria necessária maior conscientização por parte das pessoas a aceitarem as diferenças. Talvez sentir na pele o que uma pessoa com deficiência visual passa seria o primeiro passo para que as pessoas reduzissem os preconceitos e se conscientizassem em ajudar. Tal conscientização estimularia ações (*e.g.*, ajudar um deficiente visual na rua), as quais poderiam mobilizar autoridades públicas, forçando-as a dar maior atenção a este problema social, como um efeito dominó.

Objetivos

O principal objetivo deste estudo foi avaliar, a partir de questionários, se a sensibilidade dos estudantes quanto aos deficientes visuais mudaria após uma experiência na qual eles deveriam fazer um percurso com os olhos vendados.

Metodologia

Foram elaboradas quatro perguntas sobre o tema, sendo elas:

1. Você acha que a vida de um deficiente visual é fácil?
2. Se você fosse um deficiente visual, você gostaria de ser ajudado ao atravessar a rua?
3. Se você estivesse andando no centro de Uberlândia e encontrasse um deficiente visual sozinho, você o ajudaria? Por quê?
4. Marque a(s) afirmativa(s) que considerar verdadeira(s):
 - a) O deficiente visual nunca precisa de ajuda.
 - b) O deficiente visual tem os mesmos direitos que outras pessoas.
 - c) Não precisamos ajudar um deficiente visual, pois ele já é acostumado com a deficiência.
 - d) O deficiente visual não tem os mesmos direitos que outras pessoas.

Após a elaboração das perguntas, foram escolhidos aleatoriamente 12 estudantes dos sextos anos do ensino fundamental da Escola Estadual Maria da Conceição Barbosa de Souza (EEMCBS). Inicialmente foi explicado aos estudantes que se tratava de uma pesquisa e foi comentado que eles poderiam se manifestar livremente, de acordo com o que pensavam. Depois disso, esses estudantes foram entrevistados individualmente na sala de informática da EEMCBS

em duas sessões, de aproximadamente 10 minutos cada: a primeira ocorreu antes da experiência e a segunda ocorreu após a mesma.

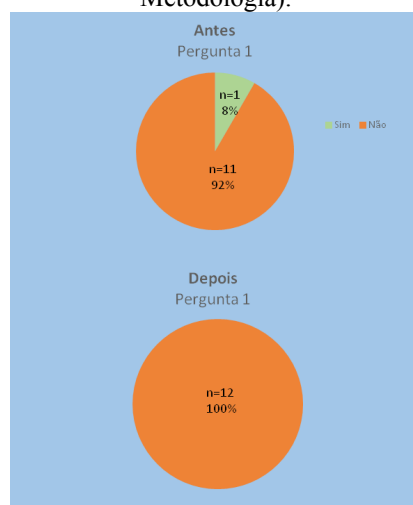
A experiência consistiu em pegar os estudantes, vendar seus olhos com um cachecol, o qual evitou que os estudantes vissem qualquer coisa, e pedir para que eles fizessem um percurso de aproximadamente 10 metros (ida e volta), saindo e retornando ao mesmo ponto. Esse percurso foi feito nas dependências da EEMCBS, sendo um pátio com uma rampa, corrimão, pilastras de concreto, degraus e um vão no chão, onde a água da chuva escorre para os ralos. Durante a ida, os estudantes caminharam sozinhos, ouvindo orientações para prosseguirem ou virarem à esquerda ou direita. Já na volta, os estudantes deram o braço a uma pessoa para que fossem guiados durante esta parte do percurso.

Após a experiência, os mesmos estudantes foram entrevistados pela segunda vez (segunda sessão), com as mesmas perguntas. As respostas das entrevistas, primeira e segunda sessões, foram compiladas em folhas de papel quando, então, os dados foram convertidos em figuras feitas no PowerPoint.

Resultados e discussão

Quanto à pergunta número um foi percebido que após a experiência aumentou o número de estudantes que afirmou que a vida de uma deficiente visual não é fácil (Figura 1). Isso pode ter ocorrido porque os estudantes sentiram na pele ao fazerem o percurso com os olhos vendados, as dificuldades que uma pessoa com esse tipo de deficiência enfrenta.

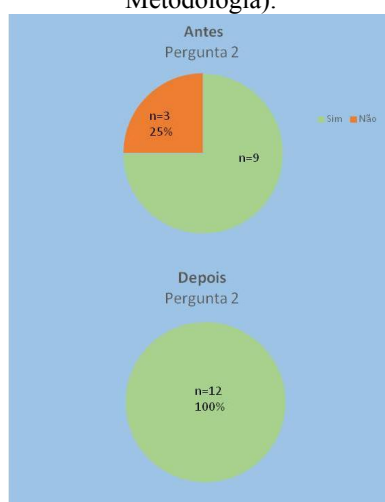
Figura 1: Respostas dos estudantes, antes e depois da experiência, sobre a pergunta número um (Ver em Metodologia).



Fonte: Os autores.

Com relação à pergunta número dois percebeu-se que após a experiência todos os estudantes afirmaram que “gostariam de ser ajudados ao atravessar a rua se fossem deficientes visuais” (Figura 2). Todos os estudantes mencionaram ter gostado da ajuda na volta do percurso, quando uma pessoa os pegou pelo braço. Muitos deles (75%) também justificaram que “gostariam de ser ajudados, pois haveria riscos de tropeçarem e/ou serem atropelados na rua caso fossem deficientes visuais”.

Figura 2: Respostas dos estudantes, antes e depois da experiência, sobre a pergunta número dois (Ver em Metodologia).



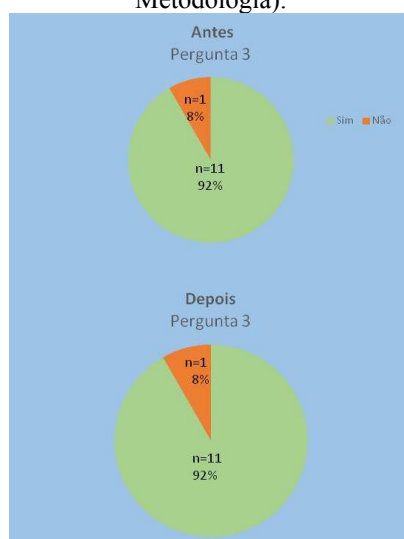
Fonte: Os autores.

Entretanto, antes e depois da experiência, não houve aumento no número de estudantes que ajudaria um deficiente visual a atravessar a rua (Figura 3). Antes da experiência a maior parte dos estudantes (92%) já havia afirmado que ajudaria um deficiente visual a atravessar a rua, com a exceção de um estudante (Figura 3). Depois da experiência, esse mesmo estudante manteve a opinião de não ajudar, justificando que sua mãe não o deixa entrar em contato com estranhos. Contudo, o estudante deixou bem claro que se sensibiliza com a questão.

Tanto antes quanto depois da experiência a maior parte dos estudantes concordou que os deficientes visuais têm os mesmos direitos que outras pessoas. Porém, antes da experiência dois estudantes assinalaram as afirmativas: “O deficiente visual nunca precisa de ajuda” e “O deficiente visual não tem os mesmos direitos que outras pessoas”. Antes da experiência, outro estudante também assinalou a afirmativa: “Não precisamos ajudar um deficiente visual, pois ele já é acostumado com a deficiência” (Figura 4). Já após a experiência nenhum estudante

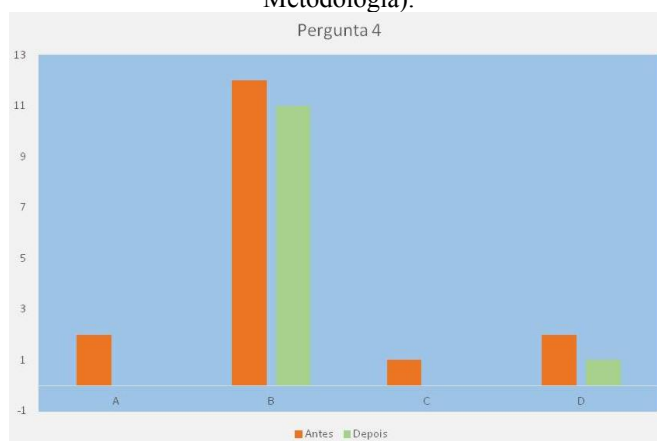
concordou com as afirmativas “a” e “c”, e diminuiu o número de estudantes que concordaram com a afirmativa “d” (Figura 4). Essas mudanças de opinião reforçam que sentir na pele a deficiência visual teve um papel relevante nas mudanças de concepções dos estudantes.

Figura 3: Respostas dos estudantes, antes e depois da experiência, sobre a pergunta número três (Ver em Metodologia).



Fonte: Os autores.

Figura 4: Respostas dos estudantes, antes e depois da experiência, sobre a pergunta número quatro (Ver em Metodologia).



Fonte: Os autores.

Conclusões

Os resultados mostrados neste estudo sugerem que após a experiência os estudantes tiveram maior sensibilização quanto aos deficientes visuais. A partir do momento em que eles fizeram o percurso com os olhos vendados, sentiram na pele dificuldades semelhantes às que pessoas com esse tipo de deficiência enfrentam. Assim, esta ação foi relevante para conscientizar

os estudantes dos sextos anos quanto às diferenças, sugerindo que ela pode ter sido um primeiro passo para incentivar a nossa comunidade a aceitar e respeitar as diferenças.

Referências

BRUMER, A., PAVEI, K., MOCELIN, G. *Saindo da “escuridão”: perspectivas da inclusão social, econômica, cultural e política dos portadores de deficiência visual em Porto Alegre*. Sociologias, n. 11, p. 300-327, 2004.

G1. *Uberlândia é exemplo de acessibilidade para deficientes*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/09/uberlandia-e-exemplo-de-acessibilidade-para-deficientes.html>>. Acesso em: 22 de ago. 2018.

IBGE. *Pessoas com deficiência: adaptando espaços e atitudes*. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/16794-pessoas-com-deficiencia-adaptando-espacos-e-atitudes.html>>. Acesso em: 22 de ago. 2018.